

*Do nosso cotidiano ou do cotidiano da gente?
Um estudo da alternância nós/a gente no
português do Maranhão*

Conceição de Maria de Araujo **RAMOS** *

José de Ribamar Mendes **BEZERRA** **

Maria de Fátima Sopas **ROCHA** ***

Resumo: Abordam-se questões concernentes à variação linguística, objetivando examinar como está se dando a alternância da forma do pronome pessoal de primeira pessoa do plural – *nós* – e a forma, originalmente, do substantivo coletivo – *a gente* –, com base em dados do português falado no Maranhão. Investiga-se tanto o encaixamento da forma *a gente* no subsistema dos pronomes pessoais – quer seja na função de sujeito, quer seja na função de complemento ou de adjunto, pressionando as formas *nós*, *nos* e *conosco* – como no subsistema dos possessivos, em competição com *nosso/nossa*.

Palavras-chave: Variação linguística; Português falado no Maranhão; Sistema pronominal.

* Doutorado em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (1999). Docente da Universidade Federal do Maranhão. Membro do Projeto ALiMA. Contato: comendes@elo.com.br.

** Doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (2001). Docente da Universidade Federal do Maranhão. Membro do Projeto ALiMA. Contato: comendes@elo.com.br.

*** Doutoranda em Linguística na Universidade Federal do Ceará. Docente da Universidade Federal do Maranhão. Membro do Projeto ALiMA. Contato: fsopas@yahoo.com.br.

Abstract: This work deals with issues concerning linguistic variations, aiming at examining the alternation of the form of the personal pronoun of the first person plural – *nós* (we) – and the form of the collective noun – *a gente* (people) – based on data from the Portuguese Language spoken in Maranhão. It investigates the form *a gente* in the subsystem of personal pronouns – either in terms of subject, or in the role of complement or adjunct, pressing the forms *nós* (we) *nos* (us) and *conosco* (with us) – as in the subsystem of the possessives in competition with *nosso/nossa* (our).

Keywords: Linguistic variations. Portuguese spoken in Maranhão. Pronominal system.

Introdução

A realidade do sistema pronominal do Português Brasileiro (PB) nos leva a retomar a ideia ponto de partida de Ramos (1999) de que o sistema pronominal do PB é “uma área da gramática não só debatida, mas também batida por todos os ventos” da variação e da mudança linguísticas.

Com uma realidade sociolinguística bastante estratificada e com um acentuado descompasso entre a língua oral e o modelo de língua padrão escrita que a escola ainda tenta impor aos alunos, o PB vem distanciando-se, cada vez mais, do paradigma canônico do quadro dos pronomes pessoais, com seis formas nominativas distintas e suas correspondentes oblíquas, para aproximar-se de um quadro pronominal que se atualiza e reorganiza em função da substituição, migração e/ou alargamento do domínio de algumas dessas formas, fato esse que verificamos principalmente na língua oral e que tem afastado o PB das línguas românicas.

Muitos pesquisadores têm-se empenhado em investigar a reorganização do sistema pronominal do PB e já existe um número significativo de estudos concluídos com base em dados da língua – falada e escrita – nas regiões Sul e Sudeste (cf. MENON; LAMBACH; LANDRIN, 2003, dentre outros), mas há ainda muito por fazer em relação às regiões Norte e Nordeste e, nesta última,

em particular no Maranhão, que conta com um número escasso de pesquisas concluídas.¹

Com a aprovação do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), em 2002, as pesquisas têm avançado, possibilitando-nos explorar o tema em foco e trazer à luz alguns resultados de trabalhos descritivos sobre o sistema pronominal do português falado no Estado.

Nessa perspectiva, este estudo enfoca a alternância da forma do pronome de 1ª pessoa, *nós*, e da expressão *a gente*, com base em uma amostra da língua oral coletada em São Luís, capital do Estado. Investigamos o *encaixamento* da expressão *a gente* no subsistema dos pronomes pessoais – seja na função de sujeito, seja na de complemento ou de adjunto – e seu avanço em direção ao subsistema dos possessivos, em competição com *nosso/nossa*.

Orientando-nos pelos princípios teórico-metodológicos da Dialetoлогия e da Sociolinguística, objetivamos com este estudo: (i) examinar a alternância *nós/a gente* em uma perspectiva diageracional; (ii) verificar a expansão de *a gente* em função de não sujeito e (iii) examinar a ocorrência de *a gente* com referência indeterminada, entre falantes mais jovens.

¹ Com relação ao português falado no Maranhão, no que concerne ao sistema pronominal, até onde pudemos investigar, há dois estudos de Ramos – *O português falado em São Luís: os pronomes pessoais na posição de sujeito* (1996) e *O clítico de 3ª pessoa: um estudo comparativo do português brasileiro/espanhol peninsular* (1999). Este último apresenta, também, dados do português falado no Estado. Com dados extraídos do Banco do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), há dois trabalhos em fase de elaboração: um artigo, que trabalha com um *corpus* mais amplo que engloba outras localidades além de São Luís, que será publicado no terceiro livro do Projeto ALiMA, e uma dissertação de mestrado de uma auxiliar de pesquisa do projeto que enfoca o uso do *tu* para tratamento do ouvinte.

1 O *corpus*

O *corpus* da pesquisa se constitui de dados obtidos por meio de entrevistas gravadas em áudio, nos meses de março e abril de 1996, com dez maranhenses de São Luís, distribuídos igualmente pelos dois sexos. Trabalhamos com quatro faixas etárias – faixa I (13 a 15 anos), faixa II (16 a 25 anos), faixa III (26 a 55 anos) e faixa IV (mais de 55 anos) – e três níveis de escolaridade – ensino fundamental (EF), ensino médio (EM) e superior (S). Como pretendemos colher uma amostra da língua falada em situações naturais de comunicação/interação – pesquisador/informante –, selecionamos tópicos como histórias da infância, viagem, amigos, escola e trabalho, que nos possibilitaram provocar e, conseqüentemente, obter relatos de experiência pessoal.

Somam-se a esses dados materiais do Banco do Projeto ALiMA² em que apuramos a alternância *nós/a gente*, por meio de perguntas do Questionário Morfossintático direcionadas para esse fim e de discursos livres/espontâneos, que ocorrem ao longo das respostas dadas aos questionários, e discursos semidirigidos. Os dados foram gravados em 2003 e 2004.

O trabalho com esses *corpora* nos possibilitou ampliar as faixas etárias e a amostra e examinar materiais coletados em épocas diferentes e em situação de comunicação/interação diversa, em função do grau de espontaneidade. Por isso, mesmo que não tenhamos uma uniformidade na coleta dos dados e no que diz

² O *corpus* do ALiMA é obtido por meio da aplicação de três questionários – fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático – e da produção de questões de pragmática e de discursos semidirigidos, além de um texto para leitura. Estabelecemos duas faixas etárias – faixa I, 18 a 30 anos, e faixa II, 50 a 65 anos – e dois níveis de escolaridade – ensino fundamental, até a 4ª série e superior completo. Vale ressaltar que estes dois níveis são observados apenas na capital, São Luís; nos demais municípios que integram a rede de pontos linguísticos do Estado, consideramos tão somente o ensino fundamental.

respeito ao perfil dos informantes, em se tratando das variáveis idade e escolaridade, acreditamos na validade da pesquisa e na intercomparação dos dados.

2 A variação *nós/a gente*

A migração da expressão *a gente* para o sistema pronominal no português não é, absolutamente, recente. Entre o século XVI e a primeira metade do século XIX, já encontramos algumas ocorrências de *a gente*, embora esporádicas, em que a expressão pode ter mais de uma interpretação: pode ser tomada como sinônimo de *pessoas* ou como uma variante de *nós*. Ainda segundo a autora, o processo de pronominalização do substantivo *gente* (originalmente um coletivo), cristalizado na forma *a gente*, foi lento e gradual, havendo, portanto, uma progressão de uma fase de ocorrências raras e interpretação ambígua (até meados do século XIX) a uma fase de encaixamento no sistema dos pronomes. Nesse percurso, como esperado, processaram-se alterações de natureza morfossemântica que, sumarizadas, significam, no plano formal, perda do *status* de substantivo e, no plano semântico, perda da noção de pluralidade intrínseca e ganho do traço de pessoa.

Como enfatizamos anteriormente, a alternância *nós/a gente* no português não é recente e estudos de orientação tanto dialetológica como sociolinguística têm evidenciado o avanço da forma inovadora no PB. Contudo, se, por um lado, esses trabalhos constatarem o uso de *a gente* em detrimento de *nós*; por outro, observamos, entre alguns pesquisadores, certa resistência a catalogar a expressão *a gente* como uma forma do subsistema dos pronomes pessoais. Assim, em estudos sobre o PB, realizados na primeira metade do século XX, dentre os quais destacamos o de Nascentes (1922, aqui citado pela edição de 1953) e o de Marroquim (1934, aqui citado pela edição de 1996), mantém-se a proposta aventada por Ali (2006) que considera a expressão *a gente* como um pronome indefinido.

Encaixada no sistema que, no PB, concentra grande parte dos fenômenos variáveis e com a perda crescente do traço

semântico de indeterminação, a expressão pronominal *a gente* alarga seu domínio e passa a desempenhar outras funções que, embora até o momento ainda não se tenham mostrado tão produtivas quanto sua função primeira – a de sujeito –, já apresentam um número razoável de ocorrências. Assim, encontramos realizações de *a gente* em funções de não sujeito, tais como: complemento verbal (*nos > pra/a gente*), adjunto adverbial (*conosco > com a gente*), adjunto adnominal (*nosso/a > da gente*). Dentro desse quadro, resta-nos examinar, com base em nossos dados, os contextos linguísticos e sociais que favorecem ou retraem a expansão da forma inovadora.

3 O que nos mostram os dados

Tendo em vista o alargamento do domínio da expressão *a gente*, como mencionado no item anterior, organizamos nossa análise de modo a contemplar o uso dessa forma, em alternância com *nós*, tanto na função de sujeito como em outras funções.

3.1 A alternância nós/a gente na função de sujeito

A análise da alternância *nós/a gente* foi feita levando em consideração fatores linguísticos e sociais. Dentre os fatores linguísticos, selecionamos os seguintes:

a) determinação do referente – o exame do grau de determinação do referente nos possibilitou apurar a distribuição de *nós* e *a gente* como recursos de indeterminação do sujeito, tendo em vista, por um lado, que pronomes em princípio definidos, por se inserirem no eixo falante-ouvinte no plano do discurso, podem receber uma interpretação mais abrangente ou mesmo indefinida, como é o caso de *nós* (cf. ILARI et al., 1996); por outro lado, que a expressão *a gente*, por conservar seu traço formal de pessoa e, conseqüentemente, continuar estabelecendo uma relação de concordância com verbos na *terceira pessoa*, mas ter alterado seu traço semântico, já que pode incluir o falante, pode receber uma interpretação com um grau menor de indeterminação. São exemplos dessa alternância:

- (1) *Nós* fomos lá e M perguntou – *nós* ficamos contentes de estar ali – “tu gostaria de voltar pra morar em Guimarães?” (1996, f. IV, EF, M)³ (A informante se refere a si mesma e ao marido).
- (2) Todo mundo comia no leite de coco porque tinha muito coco. Quem/a pessoa mais pobre, mais simples não tinha condição de comprar o óleo. Nesse tempo, era o óleo que se achava só marca Gallo [...] e um que chamavam Solevante. *A gente* comprava um tostão de óleo, era uma coisinha de nada; então fazia óleo de coco. (1996, f. IV, EF, M).

A referência [\pm indeterminado] funciona como ponto de apoio para a seleção *nós/a gente*: *nós* se apresenta com um grau elevado de inclusão do *eu* e [$-$ indeterminado], e *a gente*, por sua vez, se manifesta com um grau mínimo de inclusão do *eu* e [$+$ indeterminado]. Em (1) é visível o elevado grau de inclusão do falante no conjunto representado pelo *nós*; logo, a referência é [$-$ indeterminada]. Em contraposição, (2) apresenta um grau menor de inclusão do falante, grau esse reforçado pela presença, na mesma sequência discursiva, de recursos configuradores da indeterminação, como: itens lexicais genéricos (*todo mundo, a pessoa*) e verbo na terceira pessoa do plural com referente não recuperável (*chamam*).

Há casos em que as formas *nós* e *a gente* escapam da referência [\pm indeterminado] e se misturam de tal forma que se torna difícil dizer qual delas apresenta um caráter [\pm genérico ampliado], como em (3):

- (3) [...] mas a gente tomou uma outra orientação: não vai mais mexer nessas coisas. Agora, por enquanto, *vamos* voltar a fazer

³ A codificação dos exemplos é a seguinte: 1996 corresponde aos dados obtidos por meio das entrevistas gravadas nesse ano; 2003 e 2004 correspondem aos dados extraídos do Banco do Projeto ALiMA, seguido da faixa etária do falante, da escolaridade e do sexo.

as coisas que *a gente* fazia antes que, com o advento da construção, *deixamos* de fazer. (1996, f. III, S, H). (O informante fala sobre seus planos e de sua família).

Registramos, ainda, ocorrências de *a gente* em que essa expressão inovadora, da mesma forma que *nós*, pode referir-se ao indivíduo que fala, evidenciando o que Omena (1996) interpreta como um recurso estilístico, nos casos em que o falante deseja ser menos assertivo, como em (4):

(4) O violão eu gosto de cantar. Eu participo de um coral não muito organizado no grupo de jovens, mas tem um... *a gente* conhece algumas técnicas vocais [...] eu gosto da música, como eu já falei... então o violão foi o instrumento que mais me chamou a atenção porque é um instrumento que *a gente* não precisa de muito conhecimento pra tocar alguma música e é portátil, *a gente* pode levar pra muitos lugares (1996, f. II, EM, H).

b) Alternância das formas nós...nós, como no exemplo (1), a gente...a gente, a gente...nós, nós...a gente, como nos exemplos a seguir, em que procuramos averiguar a existência de alguma regularidade na alternância das formas.

(5) *Nós* fomos passear lá. Já \emptyset *estávamos* naquele sítio dali [...] do Olho d'Água... *Nós* fomos lá na Aruoca, a praia é linda, linda, linda (1996, f. IV, EF, M).

(6) *A gente* fez tudo dicima da hora. Ela não tava sabeno, *a gente* mandô ela viajá [...] *a gente* fez uma festa mesmo (2003, f. I, EF, H).

(7) [...] tem um aniversário sábado *pra gente* ir... \emptyset *Entrávamos* com a maió cara de pau (2004, f. II, S, H)

- (8) *Nós* vamos morá nessa casa em torno de dez anos, é o tempo que as crianças crescem. Aí depois *a gente* vai prum apartamento (2004, f. II, S, H).

Em se tratando do fator ora enfocado e ilustrado com os exemplos acima, vale destacar que o princípio do Paralelismo – uma forma/marca provoca outra – faz-se presente em nossos dados, evidenciando a seguinte tendência: os falantes normalmente elegem como forma para sua primeira referência aquela forma que é predominante em suas realizações e tendem a repeti-la, principalmente quando não há mudança de referente. É justamente esse fato que observamos na fala da informante cujas realizações estão registradas nos exemplos (1), (2) e (5): ela usa predominantemente *nós*, tende a preservar essa forma, selecionando a expressão *a gente* para os casos de referência indeterminada, como em (2). O mesmo acontece com os falantes cujas amostras de fala compõem os exemplos (4) e (6), sendo que, neste caso, ambos selecionam preferencialmente a expressão *a gente*. Os exemplos (7) e (8) correspondem a amostras de fala de um indivíduo em que a expressão *a gente* encontra-se em um nível considerável de competição com *nós*.

Ao computar as ocorrências da fala do informante cujas amostras de fala estão identificadas como (1996, f. II, EM, H), registramos 49 dados, dos quais apenas 1 foi do pronome *nós*, em uma construção do tipo apresentado em (9):

- (9) Bem, quando eu vou pra casa de G, meu primo, a gente geralmente/é quando a gente vai fazer alguma coisa diferente *nós dois*... então eu vou pra casa dele ou ele vai pra minha casa pra gente sair... a gente marca de ir ao cinema, então [...]

Omena (1996), ao comentar esse tipo de construção, destaca que, nesse contexto, a possibilidade de alternância *nós/a gente* se anula, uma vez que o SN *a gente* não pode mais ser modificado porque o *a* que o compõe (artigo definido feminino) guarda resquícios de sua classe de origem, o que obriga o falante a

selecionar a forma *nós*, desconsiderando, portanto, o princípio do paralelismo.

c) concordância verbal – este fator nos possibilitou investigar se fatos como a existência do traço de *pluralidade intrínseca* que a forma *gente* tinha no português antigo, mas que se neutraliza na forma pronominal *a gente* (cf. SANTOS, 2001), e o enfraquecimento da flexão verbal do PB favoreceriam o estabelecimento de relações de concordância não canônicas, do tipo *nós* vai e *a gente* vamos, consideramos que em nossa amostra temos dados da fala de indivíduos com baixo nível de escolaridade. Registramos apenas um caso de concordância não canônica na fala de uma informante do ALiMA, da segunda faixa etária que cursou até a 3ª série do ensino médio:

(10) *Nós chamava* era de [...] (2003, f. II, EF, M).

Com relação aos fatores sociais, consideramos:

a) faixa etária – dentre os fatores sociais, este foi o fator que se mostrou, de fato, relevante, principalmente na amostra que coletamos em 1996. O maior número de realizações de *a gente* foi registrado na faixa etária I, com a seguinte interpretação: *a gente* = *eu* + *não eu* (1ª + 2ª e/ou 3ª). Não encontramos nessa faixa nem na faixa II, casos de indeterminação do sujeito com a expressão *a gente*. Na faixa etária III, observamos a indeterminação do sujeito em raras ocorrências de *a gente* e no uso mais evidente de *você*. Na faixa etária IV, a indeterminação foi obtida, basicamente, por meio recurso à *terceira pessoa*. Na amostra do ALiMA, contudo, encontramos nas duas faixas etárias a expressão *a gente* usada como um recurso de indeterminação, alternando com *você*, *se* e as formas de *terceira pessoa*, como em:

(11) *Se usa* geralmente pra, como base quando *você* vai fazer uma pintura de uma parede [...] aí *você* usa como uma base para depois colocar a tinta [...] mas o cal que *a gente* conheceu[...] tem outras utilizações (2004, f. II, S, H).

b) sexo – esta variável não se mostrou relevante em nossos dados, nem mesmo com relação às funções mais inovadoras de não sujeito.

c) escolaridade – é importante destacar que o uso da forma *a gente* não foi influenciado por este fator, principalmente quando consideramos os dados de 1996. Vale ressaltar que o informante que tem o nível mais baixo de escolaridade é o que menos usa a variante inovadora. Na amostra constituída com dados do ALiMA, a variante *nós* encontra na expressão *a gente* uma séria concorrente, nos dois níveis de escolaridade. Acreditamos que isto se explica porque, embora considerada não padrão, essa variante não chega a ser estigmatizada pela escola, logo não é alvo de correção.

3.2 *A alternância nós/a gente em funções de não sujeito*

A alternância *nós/a gente* em funções de não sujeito no português falado no Maranhão segue, também, a tendência do resto do Brasil. Ou seja, na capital maranhense, essa alternância ainda está pouco disseminada. Em nossos dados registramos o uso de *a gente* nas seguintes:

a) complemento verbal (objeto direto e indireto) em alternância com nós e nos, como em:

(12) [...] e o garçom dis/o camaleão disfarçado de garçom foi atender *a gente*. (1996, f. I, EF, H)

(13) Aí ela paga o lanche *pra gente*. (1996, f. I, EF, H)

b) adjunto adnominal em alternância com nosso/nossa, como em:

(14) Esse foi um momento só *da gente*. (1996, f. III, S, H)

(15) A gente fez o orçamento *da gente*. (1996, f. II, S, H)

c) adjunto adverbial em alternância com conosco, como em:

(16) E outro amigo da gente começou a fazer um programa *com a gente*. (1996, f.II, S, H).

Vale ressaltar que nas funções de não sujeito o princípio do Paralelismo também é relevante, isto porque, como podemos observar nos exemplos (15) e (16), a existência de uma forma antecedente de *a gente* leva à manutenção dessa forma.

Outro ponto que merece destaque é que o fator idade vem dando indícios de sua relevância, também, na alternância das formas nas funções de não sujeito.

Conclusão

Com a pesquisa ainda em desenvolvimento, por ora podemos apenas assinalar tendências no que diz respeito à alternância *nós/a gente* no português falado no Maranhão, quer seja na função de sujeito, quer seja na de não sujeito. Estamos convictos de que os dados apresentados são relevantes do ponto de vista significativo, mas ainda não o são do ponto de vista quantitativo.

O exame da alternância das formas *nós/a gente* evidenciou os seguintes fatos: (i) as formas estigmatizadas que evidenciam uma relação de concordância não-canônica aparecem em nosso *corpus* com apenas uma ocorrência; (ii) o fator idade influencia nitidamente a alternância *nós/a gente*; são os falantes mais idosos os maiores usuários da forma canônica *nós*; (iii) o estudo da alternância *nós/a gente* necessita levar em conta a forma *você* que vem compondo de forma significativa o cenário da indeterminação do sujeito no PB; (iv) o alargamento do domínio da expressão *a gente* está levando essa forma a compor o subsistema dos possessivos.

No âmbito PB, o quadro pronominal do português falado no Maranhão necessita de mais estudos que possam mapear as formas em uso no Estado, como é o caso do *tu*, para que possamos explicar como elas se acomodam no âmbito de um sistema que, como dissemos, tem sido constantemente debatido e batido por todos os ventos da variação e da mudança.

Referências

ALI, Manuel Said. Pessoas indeterminadas. In: _____. **Investigações filológicas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 158-164.

ILARI, Rodolfo et al. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para a análise. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de; BASÍLIO, Margarida. (Orgs.). **Gramática do português falado: estudos descritivos**. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: FAPESP, 1996. v. 4. p. 79-166.

MARROQUIM, Mário. **A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco**. 3. ed. Curitiba: HD Livros, 1996.

MENON, Odete Pereira da Silva; LAMBACH, Jane Bernadete; LANDARIN, Noely R. X. Nazareno. Alternância *nós/a gente* nos quadrinhos: análise em tempo real. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. (Orgs.). **Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 96-105.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

OMENA, Nelize Pires de. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira. (Orgs.). **Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Departamento de Lingüística e Filologia/UFRJ, 1966. p. 183-215.

RAMOS, Conceição de Maria de Araujo. **O clítico de 3ª pessoa: um estudo comparativo português brasileiro/espanhol peninsular**. 1999. 109f. Tese (Doutorado em Lingüística) –Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

_____. **O português falado no Maranhão:** os pronomes pessoais na posição de sujeito. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/UFAL, Maceió, 1996. (Trabalho apresentado).